

ECDÓTICA

Ernesto Fereira de Oliveira*

Resumo

A Ecdótica é uma técnica, uma arte, uma ciência que tem por objetivo reconstruir textos a partir das várias cópias existentes. Os métodos foram sendo criados a partir do século IV a.C. em Constantinopla, complementados finalmente por Karl Lachamann (1750 - 1800)

Abstract

The "Ecdotica" is a technique, an art, a science that has for objective, rebuild texts from several existent copies. The methods were being created since the fourth century b.C. in constantinopla, completed by Karl Lachamann (1750 - 1800).

Introdução

Ao estudarmos os textos gregos e latinos, de grande riqueza cultural, ou mesmo lendo a Bíblia, não nos detemos na interrogação a respeito de como tais obras chegaram até nós. Quando, porém, o estudioso se debruça na pesquisa da história sobre a transmissão desses textos, ele

vai-se deparar com inúmeras dificuldades. São códices incompletos, são cópias viciadas, transmissões que foram, através dos séculos, passadas de copistas a copistas. Acontece como no ditado: " Quem conta um conto, acrescenta um ponto". E no presente caso, os transmissores do texto acrescentam ou mesmo tiram partes do texto.

Imaginemos uma oficina de copistas da antiguidade: escravos copiando livros para uso dos poucos letrados de então. Naturalmente podemos deter-nos na qualidade e habilidade desses copistas escravos, no seu cansaço, nas inúmeras interrupções do trabalho, nas substituições por outro, seja por doença, seja mesmo por morte. Tudo isso constituía dificuldade para a transmissão do texto manuscrito.

Outro fator a dificultar a tarefa da cópia do texto manuscrito, era o material de que se serviam para escrever. Ainda não se fez uma história completa do livro, desde quando se usava o " codex" - de caudex, isto é, a madeira serrada do tronco da árvore, depois passando às "tabulae" ou tabuinhas enceradas e com o auxílio do " stilum" , um estilete - punhalzinho - se escreviam ou riscavam as letras.

O papiro, planta abundante no vale do Nilo, também era usado, cortando-lhe o caule em forma de folha (século VI a II a.C.). O pergaminho, membrana de couro de animais, veio competir

* Doutor em Filologia Portuguesa. Docente da UNIPAR.

na confecção do livro e, por ser mais resistente, suplantou os demais.

Como se pode deduzir, a confecção do livro, antes do aparecimento do papel, era difícil e só acessível a alguns potentados. Não foi, pois, só a imprensa que no século XVI revolucionou a cultura. O papel permitiu que o livro pudesse ficar ao alcance de grande parte da população.

O que é a Ecdótica

A dificuldade de fixação de um texto cresce na medida da variação de suas cópias. Um texto de autor clássico ou medieval logicamente apresentará várias cópias através dos séculos. Em cada época surgem maneiras próprias de escrever, seja no processo de abreviações, seja nos sinais, nas pontuações.

Para resolver todos os problemas relativos à edição de textos, isto é, para que um texto possa aproximar-se daquilo que seu autor desejaria que fosse, criou-se uma ciência, a Ecdótica, que é uma ciência, uma técnica e uma arte, com o fim da fixação de textos literários para sua publicação, isto é, para se obter o que se chama de “texto crítico”. O objetivo é estabelecer a genuinidade do texto, torná-lo inteligível, facilitar-lhe a leitura, mostrar seu valor como obra de arte. O nome “Ecdótica” - do grego Ecdotos - apresentado - foi proposto por Salomon Reinach, no seu livro “Manuel de Philologie Classique”, em 1880, Paris.

Normalmente, após um período intenso e fecundo de produção literária, o que quase sempre coincide com o de grande projeção nacional, vem a cessação das atividades artísticas de um povo, e os intelectuais se voltam para o que produziram seus predecessores. Um exemplo disso foi Portugal. Com a morte de Camões, coincidentemente a Nação portuguesa, em 1580, passou ao domínio espanhol, por falta de sucessor no trono. Quer dizer: D. Sebastião, sucessor natural, morreu na África em combate aos mouros. Por direito de herança, o reino passou à Espanha,

e até 1640 - 60 anos - houve um único soberano para as duas nações e seus respectivos domínios.

Pois bem. Camões, a glória máxima da literatura lusa, enquanto vivo, não só não foi reconhecido, como até mesmo caluniado e ameaçado pela Inquisição - que via em “Os Lusíadas” a ressurreição do paganismo! Passando ao domínio espanhol, veio o saudosismo lusitano das glórias do passado e da produção artística. Foi, então, que passaram a estudar e conhecer o valor de Camões, dando-lhe o lugar merecido como expoente da literatura portuguesa.

Nos V e IV séculos antes de Cristo, na Macedônia, houve as primeiras tentativas de estudo dos escritores gregos - 500 anos após a morte de Homero. Foi, pois, nessa ocasião que se criou a Ecdótica, com os filólogos da Biblioteca de Alexandria, por volta de 322 a 146 a.C. Na verdade, foi o saudosismo do passado, de obras artísticas admiráveis, que fez com que voltassem no tempo para estudá-lo. Ao estudar essas obras, em virtude da distância no tempo, não as entendiam. Daí criarem, aos poucos, tabelas, glosários, códigos de abreviaturas, sinais, etc., que pudessem ajudar no entendimento dos textos. Assim, pois, nasceu a Ecdótica.

Mas, na medida em que folheavam as cópias, foram percebendo as dificuldades em entendê-las. Surgiram, então, as técnicas de entendimento do texto, como anotações, tabelas de abreviaturas, comparações entre as cópias, até se obter uma que fosse a mais coerente e que julgassem ser a que mais se aproximaria daquilo que o autor teria proposto.

Dentre os sábios da época, destacam-se: Zenóto de Éfeso, Eratóstenes de Cirene, Aristófanos de Bizâncio, Aristarco, etc., todos chefes da Biblioteca de Alexandria. Todos exerceram a Ecdótica, copiando e propondo texto crítico dos autores do passado.

A Ecdótica em Roma

A Ecdótica chegou a Roma através de Crates de Malos, embaixador do reino de Pérgamo e conhecedor da arte de interpretar textos antigos. Conta-se que, em um passeio ao redor da Cidade Eterna, teria sofrido um acidente, quando teve seu pé preso em um buraco nas proximidades da Cloaca Máxima e fraturado a perna. Assim, foi obrigado adiar seu retorno ao país de origem e, enquanto se recuperava, dava lições de Ecdótica a um grupo de intelectuais romanos.

Mas essa atividade não foi próspera em Roma. Os estudiosos romanos dedicavam-se mais ao estudo da Gramática e da Filosofia. Há notícia de Tiranião, liberto de Cícero, que teria dado aulas de Filologia e ensinado a técnica de emendar o texto. Outros nomes figuram no rol de romanos que se apresentaram como pesquisadores na área, como Varrão, que foi mais um gramático, e Probo, que se denominou Aristarco latino, o mesmo do Appendix Probi, conjunto de palavras do latim vulgar, com as formas corrigidas para o latim clássico.

Ecdótica na Idade Média

Na época medieval a Ecdótica foi usada quase que exclusivamente para edição de texto bíblico. Duas obras se destacam nessa época: Exapla, de Orógenes (185-253 d.C.), uma edição do Antigo Testamento, seguindo as técnicas alexandrinas. E a Vulgata de S. Jerônimo, em 383, a pedido do Papa S. Dâmaso. Do mesmo modo, foram usadas técnicas dos mestres de Alexandria.

Na Renascença

Consta que Petrarca teria emendado textos clássicos e igualmente Dante Alighieri. Há, porém, poucos dados a respeito. Mas foi na Renascença que muitos pesquisadores se destacaram, em toda

a Europa, como críticos textuais. Assim, na Alemanha, aparece João Reuchilim (1455-1522) que não só emendou textos gregos, como também escreveu gramáticas gregas. Até hoje ainda há seguidores da pronúncia do grego clássico, denominada pronúncia reuchiliana. Erasmo de Rotterdam (1466-1536) igualmente gramático grego e também patrono da pronúncia grega dita erasmiana, editou obras gregas e latinas. Vale ainda citar, dessa época, José Justo Escalígero, Dionísio Lambino, e muitos outros, franceses, italianos, espanhóis.

Ecdótica Moderna

A Ecdótica atual nasceu com Karl Lachmann -1793-1850-, quando fez as edições do Novo Testamento e da obra de Lucrécio: *De rerum natura*.

Apesar das críticas que lhe atribuíram pelo excesso de rigor e zelo na objetividade de seus métodos e do racionalismo das conclusões - o que na verdade constitui mérito - seu método veio abolir o empirismo e o subjetivismo, contrapondo-lhe um processo racional e objetivo. É dele toda a nomenclatura do procedimento e das técnicas da crítica textual.

Os nomes técnicos são em latim. Ao longo do trabalho, foi criando aforismas e princípios que ajudam o crítico em seu trabalho. Tais são, por exemplo: "Recentiores non sunt deteriores"; "Lectio difficilior praeferenda faciliori", etc.. O texto crítico, aquele resultante de toda a tarefa filológica que obedeça aos princípios da Ecdótica, tem por finalidade restituí-lo à sua genuinidade, tornando sua leitura inteligível, mostrar-lhe o valor estético, enfim, apresentá-lo à crítica literária para que possa dar-lhe seu devido valor. Pois bem. Só mesmo com a objetividade dos procedimentos que Lachmann criou é que o filólogo poderá alcançar tais objetivos. Daí as etapas da Ecdótica.

Recensio

É o início da pesquisa. Consiste a Recensio na pesquisa e coleta de todas as cópias do texto que se propõe editar. É um trabalho demorado, pois envolve vasculhar bibliotecas à cata de impressos ou cópias manuscritas desse texto. As vezes, textos apurados, como os bíblicos, sofrem um impacto quando se descobrem outras cópias além das já existentes. É o caso dos escritos encontrados nas proximidades do Mar Morto há cinco ou seis anos atrás, cuja cópia parece remontar aos tempos de Cristo. Até desvendar-lhes o valor, fica-se no mistério, já que os filólogos nada dizem enquanto não os entendem. Atualmente a tarefa do crítico textual não tem sido tão árdua quanto o era tempos atrás, pois que as bibliotecas dispõem de catálogos e até mesmo chegam a publicar cópias de obras raras e edições especiais. São necessárias ao crítico não só cópias dos textos em questão, mas toda e qualquer informação sobre eles, para que se lhe conheça a história.

É necessário conhecer as tradições diretas e indiretas da obra. Dizem-se diretas as cópias impressas ou manuscritas. Daí também o termo AUTÓGRAFO, quando o texto é do próprio punho do autor. APÓGRAFO é o texto posterior, naturalmente podendo apresentar distorções. A tradição indireta da obra é o conjunto de tudo o que se refere a ela, como comentários, citações, paráfrases. Essa tradição indireta serve para ajudar na reconstituição da obra, pois ilumina mais a sua compreensão.

Archetipum

Feita a coleta dos manuscritos e/ou impressos da obra, há que se estabelecer o Archetipum, isto é uma cópia que nos pareça mais completa possível e que mais se aproxime do original.

Se há um autógrafo, este se constitui no Archetipum, que é a cópia ou original que se supõe

dar origem aos demais. Collatio é o trabalho de relacionar as cópias até o estabelecimento do Archetipum. A Eliminatio codicum consiste no abandono das cópias coincidentes, ficando apenas as variantes.

Estemática

O Estemma codicum, ou Estemática, é o processo de se estabelecer a sucessão das cópias até chegar à gênese do texto. O crítico vai comparando as várias cópias, tendo como modelo o Archetipum. Há todo um comportamento nesse mister. Deve marcar, conforme o tipo de cópia e material usado, com letras gregas ou latinas, maiúsculas e minúsculas, as cópias encontradas.

Assim, o Archetipum recebe a letra (ômega); os sub-arquetipos, as letras minúsculas do alfabeto grego. Se o texto for escrito em papel ou papiro, recebe as maiúsculas latinas; se em pergaminho, recebe as minúsculas.

Emendatio

A Emendatio, o passo a seguir, é a fase em que o crítico não só deve usar de sua observação e sutileza, como também fazer valer-se de sua cultura e criatividade. Consiste a Emendatio em deduzir que palavra usar em passagens obscuras, onde todas as cópias possam apresentar lacunas. Nesta fase, faz-se uso da Paleografia, Numismática, História. Deduz as abreviaturas, as ligações, as pontuações.

Emendatio ope codicum

Esta fase é quando se emenda o texto por meio dos vários códices que se têm às mãos. Fazendo a releitura dos vários códices, nas passagens obscuras, comparando-as, deduz-se qual a forma conveniente.

Emendatio ope coniecturae

Consiste em o crítico “deduzir” a palavra ou locução conveniente em determinada passagem que se quer esclarecer, em virtude de não se conseguir por meio das cópias existentes. É, pois, a parte mais difícil da Estemática, já que o filólogo precisa usar de toda a criatividade. Ele vai ter que deduzir os erros e corrigi-los. Mas como, se as cópias não esclarecem apresentando falhas iguais? Daí o trabalho de proceder a uma nova pontuação, trocar de posição as palavras, de tal modo que o sentido se esclareça, tirar o que se supõe não ser do autor e sim, de copistas, e finalmente completar o texto, naquelas partes em que apresentar falhas. Tem que, nesse momento, fazer entrar em ação sua criatividade, sua cultura, o conhecimento que ele tem do autor, para que, então, possa deduzir a forma mais conveniente.

Apresentação do Texto

Enfim, o texto apurado, emendado conforme os princípios da Ecdótica, vem o momento de editá-lo, ou seja, de propor a Edição Crítica. Daí os procedimentos técnicos: Introdução, ou Prefácio,

Texto Apurado com Aparato Crítico que contenha as variantes das cópias, Glossário, Fac-similes das cópias de que se extraiu o texto apurado, índices dos autores e obras, de palavras, etc.

Prefácio

O crítico deverá tecer, no Prefácio, o perfil das cópias, mostrando onde foram encontradas, seu valor, seu estado, como procedeu em seu manuseio para estabelecer o Stemma Codicum, o tipo de letra usado, o material em que as cópias foram escritas.

Igualmente fará uma avaliação estética desse texto, mostrando-lhe a importância literária e histórica. Fará igualmente o perfil do texto, se prosa ou poesia etc. Deverá também apor um índice dos lugares onde foram encontradas as cópias, contendo uma relação das palavras do texto e, por fim, um índice geral.

O último passo do crítico é a relação bibliográfica. A melhor ordem dessa relação é no final da obra, embora haja quem lhes proponha no início.

Bibliografia

1. AZEVEDO FILHO, Leodegário A. **Iniciação em crítica Textual Presença**. São Paulo : EDUSP, 1977.
2. CÂNDIDO, Antônio. **Análise histórico-literária - texto xerografado**. Biblioteca da UNESP. Assis, São Paulo, 1959.
3. SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais**, 1956. s.l.
4. SPINA, Segismundo. **Introdução à Ecdótica**. São Paulo : Cultrix, 1977.